

## **A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIAS NO FAZER DOCENTE**

Sâmia Maria Lima dos Santos (URCA)

Luane Diniz dos Santos (UECE)

Orientador Ms : Carlos Alberto de Carvalho Andrade (UFPB)

**RESUMO:** A contação de histórias se constitui como uma prática pedagógica que contribui significativamente não só para o desenvolvimento cognitivo, mas também com a formação da identidade da criança. A literatura infanto-juvenil é responsável pela transmissão, conservação e reinterpretação da cultura. A mesma é imbuída de ideologias que podem ou não reforçar a estigmatização e discriminação. Uma vez que, a contação de histórias é ferramenta ideal para o desenvolvimento do imaginário, este por sua vez desempenha importante papel na vida social das crianças visto que, as estruturas que constituem o imaginário são fortemente influenciadas pela literatura que veicula os valores dominantes da sociedade na maioria das vezes de forma estereotipada. Nesse sentido, é fundamental a análise das intenções que permeiam os livros de literatura infanto-juvenil. O professor por sua vez deve assumir uma postura investigativa e reflexiva na escolha da literatura a ser trabalhada. Optando por narrativas que contribuam com a ressignificação dos valores, respeito, inclusão das diferenças e com uma sólida formação da identidade social. A pesquisa bibliográfica e a descritiva foram utilizadas como metodologias para a elaboração do presente artigo, o mesmo objetiva refletir sobre a importância da contação de histórias na formação da identidade dos educandos enquanto sujeitos singulares, também traz um relato de experiência que visa contribuir com a relevância da temática em questão.

**Palavras-Chave:** Literatura infanto-juvenil; identidade; contação de histórias.

**ABSTRACT:** Storytelling is a pedagogical practice that contributes significantly not only to cognitive development but also to the formation of the child's identity. The children's literature is responsible for the transmission, conservation and reinterpretation of culture. It is imbued with ideologies that may or may not reinforce stigma and discrimination. Since storytelling is an ideal tool for the development of the imaginary, this in turn plays an important role in the social life of children, since the structures that constitute the imaginary are strongly influenced by the literature that conveys the dominant values of society most of the time stereotyped. In this sense, it is fundamental to analyze the intentions that permeate the literature of children and youth. The teacher in turn must take an investigative and reflective stance in the choice of literature to be worked on. Opting for narratives that contribute to the resignification of values, respect, inclusion of differences and a solid formation of social identity. The bibliographical and descriptive researches were used as methodologies for the elaboration of the present article, the same objective to reflect on the importance of storytelling in the formation of the identity of learners as singular subjects, also brings an experience report that aims to contribute with relevance concerned.

Keywords: infanto-juvenil literature; identity; storytelling.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se da contribuição da contação de história para a formação da identidade da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O mesmo traz um relato de experiência vivenciado por uma docente que leciona nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública situada no município de Missão Velha – CE.

As motivações que levaram à escolha do tema são decorrentes da experiência adquirida enquanto docente do quarto ano do Ensino Fundamental, durante a qual pude perceber a contação de histórias como instrumento de formação humana, capaz de resgatar ou florescer sentimentos de solidariedade, tolerância e respeito. Neste sentido, senti-me instigada a pesquisar de modo mais aprofundado as possibilidades da contação de história no processo formativo do aluno do Ensino Fundamental.

A partir da compreensão de que a literatura é um bem cultural e que deve estar disponível para todos os indivíduos, visto que a literatura é fonte de prazer pois permite a fruição da fantasia, conduzindo à criança ao mundo dos sonhos. A criança que desde a mais tenra idade adquire o hábito de ouvir ou contar histórias tem a capacidade de se apropriar da linguagem escrita criando estratégias de leitura mesmo quando ainda não domina o sistema de escrita alfabética.

A contação de história ocupa valioso espaço na prática educativa e se constitui como uma atividade lúdica que permite que as crianças atribuam ressignificados aos valores e papéis sociais contribuindo para a construção da sua identidade. É nessa perspectiva que se encontra a relevância da pesquisa que será realizada.

Neste sentido, o presente estudo traz contribuições acerca das implicações da contação de histórias no processo de ensino aprendizagem. No decorrer do mesmo buscamos compreender a importância da contação de histórias enquanto elemento instituído e instituinte de cultura. Objetivamos ainda discutir acerca do papel ocupado pela prática de contação de história na redefinição dos papéis sociais e na construção de valores, bem como relatar sucintamente e de forma analítica a minha experiência com a contação de histórias no ensino fundamental à luz de autores que tratam da temática em questão.

Ao darmos início a pesquisa tomamos como ponto de partida as seguintes hipóteses: A prática de leitura na sala de aula influencia significativamente na formação da identidade da

criança, pois permite a construção de valores. Outra hipótese é aquela em que a leitura diária compartilhada na sala de aula promove a motivação que leva as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental a despertarem o desejo de aprender a ler e possibilita inseri-las em comunidade de leitores. A leitura de textos literários realizada cotidianamente permite que os alunos se engajem em práticas de uso da linguagem com interesse e prazer.

Partindo do pressuposto de que a linguagem ocupa um papel central nas relações sociais vivenciadas por crianças e que estas se estiverem em contato constante com a produção literária poderão participar de diferentes situações de interação social, conhecer sobre si próprias e sobre a sociedade o qual ela está inserida. Desse modo, a pesquisa que será realizada se empenhará em mobilizar a reflexão sobre o papel da contação de história no processo de ensino-aprendizagem visto que, é através do contato dos estudantes com diferentes textos que os mesmos se apropriam do sistema de escrita alfabética possibilitando à criança refletir desde cedo sobre as características, estilos e finalidades dos diferentes textos que circulam ao seu redor.

A contação de história é uma atividade pedagógica de suma importância para a construção de conhecimentos e valores. No entanto, com o advento das tecnologias da informação a prática de leitura vem sendo colocada em segundo plano. Apesar das crianças estarem inseridas em uma cultura letrada, nem sempre elas tem autonomia para decidirem sobre o seu próprio material de leitura, ou seja, não têm acesso aos diferentes textos principalmente por conta da sua condição socioeconômica.

Assim é importante a tentativa de resgatar o hábito de contar e ouvir histórias na sala de aula, pois é através da leitura de diferentes textos que a criança se insere no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Há muito que a contação de história se tornou a melhor maneira encontrada pelo homem de transmitir para suas gerações o seu conhecimento e as suas experiências.

Dessa forma, a criança que adquire o hábito de contar e ouvir histórias ela não só assimila conhecimentos como também produz cultura ressignificando os seus valores e o papel social que esta exerce no meio em que está inserida.

Faz-se necessário que o professor promova a vivência de práticas reais de leitura em sala de aula, sempre tendo clareza da importância do seu papel mediador para que a prática de contação de história seja frutífera.

Neste sentido, a problemática da pesquisa pode ser sintetizada na seguinte pergunta: De que forma a contação de histórias ou a falta dela pode influenciar no desenvolvimento da

aprendizagem e na construção da identidade da criança dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Ao final deste trabalho esperamos possibilitar discussões acerca da temática em questão e que a partir das nossas assertivas possamos contribuir para ampliar futuros debates que resultem na tomada de consciência sobre a importância da literatura infanto-juvenil, nos espaços escolares, para o desenvolvimento do imaginário da criança.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Os primeiros anos de vida da criança são bastante significativos visto que, é nesse período que se forma a identidade da criança enquanto sujeito. É principalmente durante a infância que a criança vai se formando enquanto sujeito social e cultural tendo como referência os grupos de convivência no qual a mesma se encontra inserida.

Neste sentido, a contação de histórias ocupa lugar de destaque no processo de ensino-aprendizagem da criança, pois cada história contada está imbuída de valores implícitos ou explícitos na mesma que de uma forma ou de outra acabam por interferir na formação da identidade.

Nessa perspectiva, é pertinente a discussão sobre a importância bem como a influência da contação de histórias na formação não só intelectual mais também na formação humana dos pequenos.

### **2.1 O LUGAR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO FORMATIVO DA CRIANÇA**

A arte de contar histórias pode ser identificada desde os primórdios da humanidade, desde então essa prática milenar vem se evoluindo simultaneamente ao desenvolvimento da humanidade. Esta prática contribuiu com a evolução e adaptação do ser humano no planeta visto que, através da oralidade o ser humano pôde transmitir as suas gerações futuras conhecimentos históricos.

Antes mesmo do surgimento da linguagem escrita o homem já contava com a linguagem oral como uma forma de comunicação pela qual expressavam seus anseios, crenças e emoções que se delineiam de acordo com as suas experiências de vida. A fala, instrumento rico em expressões, possibilitou ao homem a capacidade da memorização e do narrar.

A oralidade é um rico veículo de informação pelo qual o homem não só transmite como também transforma a sua cultura. Nesta perspectiva, o conto de literatura oral contribui com a formação psicológica, intelectual, de uma consciência étnica. Sobre as possibilidades ao se trabalhar com o conto de literatura Busatto (2012, p.37) afirma que.

Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos étnicos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas.

De acordo com a citação acima a oralidade atua na vida do ser humano como registro e ensinamento. Como registro a oralidade permite a preservação de memórias narradas por outros indivíduos. Como ensinamento a oralidade permite a assimilação e transformação da cultura.

Com o advento da linguagem escrita o homem passa a registrar, através de códigos formais, as histórias contadas. No entanto logo se percebe que a linguagem escrita não pode se situar em detrimento da linguagem oral. Visto que, esta última enriquece a primeira. Assim, em diversas situações o homem passa a utilizar a linguagem oral e a linguagem escrita de forma simultânea, ambas se completam.

Através das histórias contadas podemos voltar no tempo e no espaço, resgatar as nossas raízes sem sair do lugar. Toda contação é permeada de concepções e valores oriundos das vivências sociais do contador. Assim, a forma como uma história é contada permite ao ouvinte uma gama de aprendizagens informais, na qual experiências passadas se mesclam com as experiências presentes, e aprendizagens formais em que o indivíduo, em especial a criança, aprende conteúdos associados a diversas áreas do conhecimento sem nem se dar conta. Segundo Abramovich (1997, p. 17):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

De acordo com o exposto na citação acima, a contação de histórias é um instrumento que pode ser utilizado para ampliar a aprendizagem do aluno, acerca dos conteúdos escolares,



de forma prazerosa sem um caráter de formalidade rígida. Assim, o professor pode fazer uso de uma boa narração para introduzir ou encerrar determinado conteúdo, desde que faça uma boa seleção da narrativa analisando se esta permite o alcance dos objetivos que o professor se propôs alcançar.

O contador tem a liberdade de escolher a narrativa, de aproveitar ao seu modo o texto que será lido visto que, ele quem conhece suas crianças e sabe das suas necessidades de aprendizagem, portanto cabe ao mesmo analisar as possibilidades da narrativa. Nessa perspectiva, afirma Abramovich (1997, p. 20) que:

Claro que se pode contar qualquer história à criança: comprida, curta, de muito antigamente, ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa... Qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida, ou inesperada ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição...

Cabe salientar que, o contador de histórias pode até narrar para transmitir determinados conhecimentos conceituais, mas é importante tomar cuidado para não destruir o encantamento da história com numerosas questões interpretativas. A criança que ouve uma história bem contada assimila valores expressos na narrativa de forma espontânea e os revela em suas colocações. De acordo com Coelho (2001, p.12):

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - “se ficarem quietos, conto uma história”, “se isso”, “se aquilo...” – quando o inverso é que funciona. A história aquieta, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Através das interações, das práticas cotidianas que vivencia e das relações que a criança estabelece com o outro ela constrói a sua identidade. Vale ressaltar que, a identidade pessoal ou coletiva de um indivíduo se constitui ao longo da vida, mas é durante a infância que se funda as bases decisivas desse processo. É nesse período que a criança progressivamente vai construindo a consciência de si e a contação de histórias tem um papel

de destaque nesse processo. Ao salientar sobre a importância da formação do leitor Abramovich (1997, p. 16) afirma que:

Ah, como é importante para a formação de qualquer leitor ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

Vivemos em uma sociedade da informação em que as crianças, atraídas, de forma exacerbada, pelas novas tecnologias acabam por secundarizar a prática de leitura, o que constitui em um desafio para o professor. Nessa perspectiva, se faz necessário rever as práticas nas instituições escolares no que se refere à formação de leitores. Enquanto estas não compreenderem que cada criança tem a sua singularidade, que vivemos em contextos culturais em permanente transformação e a criança participa ativamente desta transformação pouco serão os avanços no que diz respeito à formação do leitor como sujeito crítico e criativo. De acordo com Craidy (2001, p.21).

(...) a criança nos desafia porque ela tem uma lógica que é toda sua, porque ela encontra maneiras peculiares e muito originais de se expressar, porque ela é capaz através do brincar, do sonho e da fantasia de viver num mundo que é apenas seu. Outro desafio que a criança nos faz enfrentar é o de perceber o quanto são diferentes e que esta diferença não deve ser desprezada nem levar-nos a tratá-las como desiguais.

A contação de histórias influencia significativamente na formação da identidade da criança enquanto sujeito. Assim, é importante que desde a mais tenra idade a criança aprenda a lidar com as diferentes emoções e conflitos que vivenciamos. Sobre ler histórias para crianças Abramovich (1997, p. 17) afirma que.

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...

Ouvindo histórias a criança pode enxergar com os olhos do imaginário, descobrir outros modos de ser e de agir diante de determinadas situações diárias. Cada narrativa aborda

problemáticas vivenciadas pela criança como, por exemplo, a solidão, o medo, separação e etc. De acordo com Abramovich (1997, p. 17).

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

De acordo com a citação acima através da contação de histórias é possível sentir diferentes emoções. O professor pode trabalhar cada uma delas durante uma conversa informal que pode ser suscitada antes ou/e depois da contação o que irá permitir que o mesmo conheça melhor as crianças além de oportunizar que as mesmas expressem-se oralmente.

## 2.2 O IMAGINÁRIO E A REPRESENTAÇÃO DA VIDA SOCIAL

A singularidade da espécie humana se constitui na grande capacidade que esta tem de romper com as suas próprias limitações. Logo, o que difere o homem dos outros animais é o fato de que o mesmo é o único que possui cultura e com isso é capaz de reinventar-se.

É através da cultura que a humanidade transmite, conserva e reinterpreta suas práticas e valores sociais. Versando sobre a contribuição de Alfred Kroeber para a ampliação do conceito de cultura Laraia (2008, p.49) afirma que, “A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.” Em outras palavras, cultura é tudo aquilo que é produzido pelo homem e é transmitido aos demais. Todavia, o homem não só produz cultura como também é produto da mesma.

Neste contexto, o imaginário das crianças se constitui em meio as práticas sociais que estas estabelecem, durante as quais se apropriam dos padrões de comportamento, determinados de acordo com os interesses dos grupos sociais, reproduzindo-os ou reinterpretando-os.

Nesta perspectiva, a literatura infanto-juvenil que traz no cerne da sua estrutura condicionante como, por exemplo, a luta do bem e do mal em que o vilão sempre deve ser morto pelo herói, este sempre representado pela figura masculina, que defende corajosamente a vítima, esta sempre representada pela figura feminina, cuja característica notável é a sua fragilidade. Tais representações estão imbuídas de estigmas que reforçam a desigualdade de gênero.



As crianças por sua vez, acabam incorporando as representações dos papéis sociais de forma desigual, de acordo com os valores que lhes foram transmitidos e que constituíram o seu imaginário. Assim, a literatura tem contribuído não só no sentido de transmitir mais também de conservar a cultura. No cerne da literatura infanto-juvenil se encontra um conjunto de estruturas fantásticas, no qual permeia arquétipos estéticos, religiosos e sociais. O professor por sua vez deve estar atento às relações de poder que permeiam as histórias infanto-juvenil.

A intenção é um dos elementos fundamentais que deve ser considerado na contação de uma história. É importante não só analisar as intenções do texto, mais também as intenções que o próprio contador quer transmitir. Para Busatto (2013, p.76) a contação de história é:

Uma via de mão tripla conduzida pelas intenções. O que o conto quer dizer; o que o contador quer dizer narrando o conto; o que o ouvinte quer dizer a si mesmo ao ouvir o conto. Narrado, narrador e ouvinte: três momentos de um mesmo jogo de encantamento e prazer.

Constatada a influência da contação de histórias na formação da identidade da criança, é importante atentarmos para as características das ilustrações das personagens infantis. Tais personagens geralmente têm sua índole representada pelos padrões estéticos vigentes. A bruxa é sempre a feia, deformada e monstruosa, em contrapartida a princesa, a fada, é sempre a bela jovem de pele branca, cabelos loiros e olhos azuis.

Não se trata aqui de generalizar de forma negativa as ilustrações das personagens infantis, até mesmo porque não podemos negar as tentativas de renomados ilustradores que buscam modificar o discurso imposto que relaciona quem é bom ou mau com bonito ou feio, que determina quem é o protagonista da ação e que viverá em vida confortável e quem ficará sempre em segundo plano destinado à pobreza, o que está diretamente relacionado com as relações de poder.

Trata-se de atentarmos para os estereótipos que permeiam a maioria dos livros infanto-juvenis, para que assim o professor através de uma contação de história não reforce preconceitos que estigmatize suas crianças. Nessa perspectiva, Abramovich (1997, p. 41) afirma que o importante é.

(...) ficar atento aos estereótipos, estreitadores da visão das pessoas e de sua forma de agir e de ser... E ajudar a criança leitora a perceber isso. O resultado visual até pode ser bonito (e é, muitas e muitas vezes) mas onde vamos parar em termos dos preconceitos transmitidos? Afinal, preconceitos não se passam apenas através de palavras, mas também - e muito!! - Através de imagens.

De acordo com a citação acima o professor tem o papel primordial de sorrateiramente instigar as crianças a perceberem as contradições contidas nas histórias infantis. Para analisar a qualidade dos valores presentes nos livros infantis é necessário contarmos com a sensibilidade de cada professor, pois das concepções que este último traz, acerca da criança, depende a ruptura dos disparates impostos. Neste sentido, é crucial contribuir para que a criança perceba que o caráter de cada indivíduo não está relacionado a sua estética.

### **3 METODOLOGIA**

Para a realização deste estudo optamos por desenvolvermos uma pesquisa de cunho descritivo e analítico. Para tanto, nos pautamos nas afirmações de Gil (2008) para quem, as pesquisas descritivas objetivam descrever as características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Para Vergara (2004, p.47) a pesquisa descritiva é aquela “que expõe características de determinada população ou determinado fenômeno (...) não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”.

No decorrer do trabalho construímos um referencial teórico pautado em autores renomados tais como, Abramovich (2001), Ferreiro (2002), Haidt (2004), Busatto (2013), Freire (2014) entre outros de igual renome que trazem contribuições significativas para a reflexão da temática em estudo.

Além dos estudos bibliográficos realizados, para a construção do referencial teórico, outro instrumento metodológico, por nós utilizado, foi o relato de experiência direta com a prática de contação de histórias no ensino fundamental. Para que assim possamos fazer um cotejamento entre a prática e a teoria possibilitando identificar e analisar os desafios e as possibilidades dessa prática pedagógica na sala de aula.

Partindo da perspectiva de que, é preciso analisar as diversas situações ocorridas durante as práticas de contação de histórias na sala de aula e os posicionamentos, por vezes diversos, dos autores. Para que assim possamos construir um parecer final acerca do estudo realizado e dos aprendizados oriundos deste. Sendo assim, o relato de experiência seguirá a orientação do materialismo histórico-dialético, pois entendermos que “a dialética também insiste na relação dinâmica entre o sujeito e objeto no processo de conhecimento” (CHIZZOTI, 2000, p.80).

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Sabendo que, a escola é uma instituição e como tal prega a lógica da padronização, busca dar unidade de tratamento as pessoas muito diferentes. Neste sentido, a mesma apresenta grandes dificuldades no trato com as diferenças. No entanto, o contexto da sociedade contemporânea, marcada pela heterogeneidade dos indivíduos, pelos novos arranjos familiares, pela mudança de princípios e valores, ocasiona conflitos dentro da escola e aumenta as tensões desta no que diz respeito ao trato com as diferenças.

Ocorre que, a escola enquanto lugar de interação social entre os sujeitos deve repensar a forma como a mesma vem lidando historicamente com a diferença, em especial a de raça/etnia e de gênero. Nesta perspectiva, buscando trabalhar a diferença em sala de aula, dando ênfase a questão da negritude, utilizamos a contação de histórias como ferramenta para o empoderamento dos meus alunos que em sua maioria são crianças negras.

Para tanto, desenvolvi um projeto de contação de histórias visando despertar nos alunos o sentimento de pertencimento étnico, de autoidentificação racial. O projeto foi desenvolvido durante os meses de outubro e novembro do ano de 2017.

Utilizamos como recursos os seguintes livros de literatura infanto-juvenil: Menina bonita do laço de fita, da autora Ana Maria Machado; Pretinho, meu boneco querido, autoria de Maria Cristina Furtado; Sou negro, autoria de Nildo Lage; Quero meu cabelo assim, autor Marcelo Franco e Souza; O cabelo de Lelê, autora Valéria Belém; Bullying na escola - amizade não tem cor, de autoria de Cristina Klein; Minha família é colorida, autora Georgina Martins.

O acervo de literatura de matriz africana ainda não ocupa um lugar de destaque nas coleções de livros paradidáticos destinados as escolas públicas, o que dificulta ainda mais o trabalho do professor com as questões étnico-raciais. Ao trabalhar em sala de aula com contos que versam sobre a história de povos que contribuíram com a formação da raça brasileira, em especial o povo africano, estamos contribuindo para a efetivação da diversidade cultural, bem como fazendo o aluno perceber o mundo a partir do olhar do outro. Assim, para Busatto (2012, p.38).

Ler e ouvir uma fábula africana nos coloca não apenas em contato com aquele exemplar de literatura oral, mas também com a maneira do africano ver o mundo. Estes contos possibilitam enxergar as etnias e suas diferenças, e constatar que a diversidade é saudável, amplia os nossos conhecimentos e a

nossa percepção diante do mundo. Auxilia a expansão da nossa consciência étnica e estética.

Vale ressaltar que, o projeto foi aplicado uma vez por semana, durante a execução do mesmo eram realizadas as seguintes atividades: Predição do conto, momento em que fazíamos um diagnóstico inicial sobre os conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática; leitura de um dos contos selecionados, realizada com entonação pela professora; momento de reflexão sobre as questões abordadas na história contada, instigando os alunos a manifestarem suas impressões sobre o texto lido, relacionando-o com a realidade dos mesmos; dinâmicas, jogos africanos, produção de textos, confecção de cartazes.

Ao longo das atividades foi possível perceber a mudança ocorrida nas percepções dos alunos no que diz respeito à aceitação dos seus corpos negros. No início da execução do projeto ao se referirem a cor da sua pele os alunos se autoidentificavam como morenos, percepção esta influenciada pela teoria do embranquecimento historicamente imposta no Brasil. No decorrer do projeto as crianças foram manifestando progressivamente uma positividade com relação a sua negritude e a se intitularem como pessoas negras.

Vale dizer que, o processo de autoidentificação racial, bem como o combate ao racismo são questões que ainda são pouco debatidas nos cursos de formações de professores. Nesta perspectiva, se faz necessário que os cursos de formação inicial e continuada se voltem para a questão do combate a discriminação racial. Que se efetive de fato uma formação teórico/prática que despertem no professor o sentimento de pertencimento à cultura africana ofertando a estes “[...] contribuições pedagógicas e filosóficas da matriz africana para a prática educacional” (PETIT, 2015, p.151).

A culminância do projeto se deu em dois momentos. O primeiro momento foi aquele em que os alunos apresentaram para as outras turmas uma dramatização do conto Menina Bonita do Laço de Fita, já trabalhado em sala. Também foi realizado um sarau de poesias enfatizando a beleza negra e em defesa da luta contra o racismo.

O segundo momento culminou com uma palestra e oficina sobre identidade e estética negra, dirigida pela palestrante Maria Renata. A mesma ministrou uma oficina de turbante, momento em que buscou empoderar ainda mais as crianças negras. Ao final, realizamos um desfile em que os alunos puderam positivar a sua negritude conscientizando-se sobre a força e a resistência que o uso do turbante representa.

Por fim, as atividades realizadas contribuíram significativamente para o processo de autoidentificação racial dos alunos envolvidos. Os mesmos passaram a se perceberem como sujeitos que ocupam um lugar importante na história da sociedade, lugar este que há muito

vem sendo silenciado, mas que com muita resistência vem ocupando a sua posição de direito que foi brutalmente ofuscada. Assim, é fundamental trabalhar as questões étnico-raciais a fim de levar os alunos a perceberem o seu lugar de fala, visto que de acordo com Freire (2014, p. 53),

[...] O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

Nessa perspectiva, trabalhar com as temáticas, tais como questões étnicos – raciais, gênero, sexualidade, dentre outras, utilizando a contação de histórias como ferramenta pedagógica, é possibilitar a formação humana de alunos enquanto sujeitos sociais capazes de analisar criticamente a realidade em que se inserem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de concluir visto que, esperamos dar continuidade a pesquisa realizada e transformá-la em um possível projeto de mestrado que possibilite o aprofundamento da temática. Almejamos que o projeto por nós realizado em sala de aula possa ser apresentado como proposta metodológica durante encontros de formações que pretendemos realizar com os professores da referida escola onde o projeto foi executado. Assim, pretendemos fazer intervenções junto com os colegas de profissão estimulando-os a refletir e criar novas estratégias para a utilização da contação de histórias como instrumento para trabalhar a diferença na escola.

Vale ressaltar que, a prática de contação de histórias não só contribui significativamente para a formação de leitores, como também se constitui como uma prática política e crítica na qual permeia intenções que ao serem transmitidas podem transformar concepções conservadoras imbuídas de preconceitos. As intenções com que uma história é contada têm o poder de desfazer velhos estigmas praticados pelos próprios ouvintes.

Dessa forma, a prática pedagógica de contação de histórias assume um papel de despertar em quem as ouvem sentimentos que os tornam mais humanos, mais tolerantes. Pode também auxiliar as crianças nas suas angústias, conflitos e libertá-las das forças opressoras através de questionamentos sobre quem somos e quem queremos ser.



Por fim, é essencial que os cursos de formação docente contribuam efetivamente para uma formação teórico/prática do docente, que os levem a assumirem uma postura crítico-reflexiva diante das diferentes questões que permeiam o ambiente escolar. Formação de professores que assumam uma responsabilidade política para com a formação intelectual e humana dos educandos. É desta formação que vai depender a qualidade das intenções colocadas nas histórias contadas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5º ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CRAIDY, Carmem. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Art. Med. 2001.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. Cortez. SP, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49º ed. RJ: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PETIT, Sandra Haydée; MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Maria Kellynia Farias (orgs.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 5ª. Edição São Paulo: Atlas, 2004.